



ANÁLISE CONTRASTIVA DOS RECURSOS GRAMATICAIS NA ATRIBUIÇÃO
DE FOCO ENTRE O PORTUGUÊS E O INGLÊS FALADO
(CONTRASTIVE ANALYSIS OF THE GRAMMATICAL RESOURCES ON THE
ATTRIBUTION OF FOCUS BETWEEN THE SPOKEN PORTUGUESE AND THE
SPOKEN ENGLISH)

Patricia Fernanda Cherubini BRENTAN (PG-Univ. Estadual Paulista – S. J. Rio Preto)

ABSTRACT: *This paper studies what are the grammatically relevant distinctions that spoken Portuguese and English choose in order to analyze the verbal expressions with the pragmatic function of focus. Following this idea, the linguistic mechanisms of the focus were analysed.*

KEYWORDS: *analysis; focus; communication; grammar;*

0. Introdução

O estudo das diferenças e semelhanças entre as línguas humanas possui uma longa e admirável história e sua maior preocupação foi, em primeiro lugar, com as propriedades morfológicas das línguas, e, mais recentemente, com as propriedades sintáticas. Inspirado pelo trabalho da Escola de Praga sobre dinamismo comunicativo (Mathesius 1928, 1929, Firbas 1964, 1966, Sgall, *et al.* 1986, *apud* Van Valin, 1999), surgiu nos últimos anos um interesse em se classificar o modo como as línguas organizam gramaticalmente a expressão do status informacional que elementos dentro de uma oração podem ter; e entre estes estudiosos pode-se mencionar Dik (1989), Chafe (1979) entre outros. Essa organização gramatical da informação é conhecida como *estrutura de foco* e as línguas mostram diferenças notáveis quanto a esse aspecto gramatical.

Quirk (1989) argumenta que, quando construímos uma mensagem, é uma cortesia para o destinatário, bem como para nós mesmos, fornecer a mensagem com contexto suficiente para que esta seja claramente identificada, compreendida e situada em uma estrutura lingüística normal.

Dik (1989) argumenta que o emissor (E) organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do destinatário (D) no momento da enunciação. O objetivo de E é, em geral, levar D a efetuar alguma mudança em sua informação pragmática e, a fim de atingir essa meta, E inicia seu enunciado a partir, tipicamente, de alguma porção de informação que D presumivelmente já possui, continuando, a seguir, a acrescentar aí outras informações que ele pensa ser nova para D; é isso que pode conduzir, assim, a uma modificação no que o destinatário já conhece. Uma expressão lingüística deverá conter usualmente informação dada e informação nova.

Segundo Quirk (*op. cit.*) há, geralmente, uma relação, por uma lado, entre informação 'dada' em contraste com informação 'nova' e, por outro, entre tema e foco.



‘Tema’ é o nome dado à parte inicial de qualquer estrutura quando considerada a partir de um ponto de vista. Quando isso ocorre na sua forma esperada e ‘não marcada’, sua relação direta com a informação dada pode ser vista, informalmente, como anunciando que o ponto de partida da mensagem está estabelecido e de comum acordo. A informação ‘nova’ é o ‘foco’ da mensagem e parece ser natural posicionar a informação ‘nova’ após fornecer um contexto de informação ‘dada’. Esse posicionamento presta conta com a tradição da Escola Funcionalista de Praga de onde se originou a oposição ‘Tema/Rema’.

Parcialmente correspondente à distinção ‘dado/novo’ é a dimensão de focalidade, que se refere a porções de informação mais salientes ou importantes em relação às mudanças que E deseja efetuar no conhecimento pragmático do D e ao desenvolvimento posterior do discurso.

Em trabalho anterior apresentado sob forma de comunicação¹, tratamos exclusivamente do foco e sua expressão formal no português falado. Neste trabalho, pretendemos ampliar a discussão para o enfoque contrastivo, com o objetivo de verificar se línguas de tipos sintaticamente diferentes como o inglês e o português apresentam diferenças correlativas na distinção de formas de expressão focal.

1. Fundamentação teórica

A distinção entre informação nova e velha é um fato subjacente à discussão sobre o que é *tópico* e *comentário* e *tema* e *rema*. Nessa discussão, considera-se não-marcada a matriz conceptual comum dentro da qual se situa a informação nova, isto é, a informação velha, e, como marcada, a informação nova. Chafe (1979) usa o termo *novo* para designar a entidade semântica que descreve a informação nova. Chafe (1979) menciona a) distribuições mais marcadas de novo; b) orações contrastivas; c) quantificadores e d) orações negativas e afirmativas para marcar o novo a partir de sua estrutura semântica.

Uma das estratégias formais que Mateus *et al.* (1983) considera como marcadores de foco é a utilização de marcadores especiais de foco como *até, o próprio, mesmo, só,...*, como em (1), que têm por escopo o foco da informação. Observe-se que esses marcadores especiais foram tratados como advérbios de inclusão/exclusão em Ilari *et al.* (1983). Pode-se considerar também como marcadores especiais advérbios como *principalmente, justamente, exatamente,...* apropriadamente denominados por Ilari *et al.* (1983) advérbios focalizadores, como no exemplo (2). No inglês, Swan (1997) fala em *focusing adverbs* como *also, just, even, only, mainly,...* e os apresenta nas posições após o verbo auxiliar e verbo *be*; após verbos principais e diretamente antes das palavras modificadas como apresentado em (3 – 5) abaixo:

- (1) o que eu vou fazer hoje não vai ser só na aula de hoje...
- (2) Ele fez exatamente nove gols.

¹ Recursos Gramaticais na atribuição de foco, apresentada no XLVII Seminário do GEL, Bauru, 1999, a ser publicada no v. XLVIII dos *Estudos Linguísticos*, 2000.



- (3) The people at the meeting were mainly scientists.
- (4) Your bicycle just needs some oil – that’s all!
- (5) Only you could do something like that.

Outro mecanismo sintático, empregado para a marcação de foco, é o que Mateus *et al.* (1983) denomina “movimento do constituinte focalizado”, que pode estar na posição final da frase, por inversão do sujeito – como em (6.a) abaixo, por movimento do objeto direto, na posição de adjunção ao sintagma nominal, ou, como em (6.b), por flutuação do quantificador do sintagma nominal.

- (6.a) Telefonaram os teus amigos.
- (6.b) Os meus amigos telefonaram todos.

Um mecanismo exaustivamente estudado por Braga & Silva (1992) que pode preceder o foco da informação quando este tem uma interpretação contrastiva é a construção *ser* e *que* apresentada nas construções a) *ser foco que X*; b) *ser foco palavra QX* e; c) *palavra QX ser foco* e exemplificadas em (7 – 9), respectivamente:

- (7) Fui eu que escrevi.
- (8) Foram bolos o que ela comeu.
- (9) Quem telefonou fui eu.

Também as interrogativas são consideradas por Mateus *et al.* (1983) fornecedoras de informação nova e são apresentadas como interrogativas a) Globais; b) Parciais Diretas com Movimento Q; como se observa em (10 – 11) respectivamente:

- (10) A Inês vai a Lisboa amanhã?
- (11) Como conseguiste chegar até aqui?

Dik (1989) acrescenta dois aspectos principais para classificar o foco: a) o escopo: a parte da estrutura da oração sobre o qual incide o foco – pode ser assinalado em qualquer parte da estrutura da oração e esta estrutura permite diferentes estratégias de focalização que podem ser posicionadas nos operadores (tempo, modo,...), no predicado ou nos termos, como se observa em (12 – 13):

- (12) Ele não resolveu o problema.
- (13) Ele resolveu o problema.

b) a função no processo de comunicação que responde pelas razões pragmáticas que reforçam a estruturação do foco para a parte relevante da estrutura da oração. Considerando-se as distinções de foco de acordo com a função comunicativa, deve-se considerar que este pode ser a representação da informação nova ou um pedido por informação nova.



2. Material e métodos

Este trabalho tem por objetivo verificar que distinções gramaticalmente relevantes o português e o inglês falados selecionam para investigar as expressões verbais com a função pragmática de foco. A metodologia a ser empregada na coleta dos dados relevantes consiste no levantamento sistemático das estratégias de focalização, com ênfase especial na natureza dos mecanismos gramaticais envolvidos.

O material de análise do português constitui uma amostragem da modalidade falada culta, variedade da cidade de São Paulo, mediante a seleção de um inquérito do Projeto NURC, retirado dos *Diálogos entre dois informantes* (Castilho & Preti, 1986). O material do inglês explora extratos autênticos do inglês falado contemporâneo, extraídos do livro *Exploring spoken English* (Carter & McCarthy, 1997), que representa uma amostragem do projeto CANCODE (Cambridge and Nottingham Corpus of Discourse in English).

De uma perspectiva geral, a função focal pode manifestar-se, segundo Dik (1989), através dos seguintes mecanismos lingüísticos: 1) proeminência prosódica; 2) ordenação especial dos constituintes oracionais; 3) marcadores especiais e 4) construções especiais. Considerando os diferentes mecanismos para a manifestação dessa função pragmática, assim como a restrição técnica imposta de não dispormos de uma transcrição fonológica, as atividades foram dirigidas para análise e classificação das estratégias tipicamente gramaticais de que dispõem os falantes da língua portuguesa e inglesa para manifestação de foco, indicados em (2 - 4).

Para seleção dos marcadores especiais, consideramos a estratégia de Mateus *et al.* (1983) dos marcadores de foco *até, mesmo,...* e os *focusing adverbs* como *only, just,...*. Entretanto, incluímos também nesse grupo dos focalizadores os advérbios *principalmente, justamente*, classificados por Ilari *et al.* (1987) como advérbios focalizadores. As construções *ser/que* são classificadas, neste trabalho, como construções clivadas – *Cleft sentences*, no inglês – e abrangem, em nossa análise, todas as construções *ser e que* ou *morfema Q* apresentadas por Mateus *et al.* (1983) e Braga e Silva (1992).

Para classificação da ordem especial dos constituintes separou-se esse mecanismo em dois subgrupos; conforme o âmbito de incidência fosse o das declarativas ou o das interrogativas parciais. As declarativas caracterizam-se pelo movimento de seus constituintes. As interrogativas parciais, de marcação simples, têm forma denominada *morfema QU*; e as de marcação dupla, que têm a informação focal reforçada por clivagem, foram denominadas *morfema QU + clivagem*.

No inglês, sabe-se que a ordem preferida dos constituintes oracionais segue o padrão SVO; dessa forma, partiu-se da hipótese de que, possivelmente, toda manifestação da função de Foco será marcada quando houver inversão do sujeito, dos complementos e quantificadores. Carter & McCarthy (1997) citam esta reordenação dos constituintes como *Fronting* e dizem que este se refere ao movimento de um elemento de sua posição 'canônica' e sua recolocação como primeiro elemento em uma construção.

Embora seja sobejamente conhecido que a ordem preferida no português seja também o padrão SVO, deve-se lembrar que a posição dos advérbios, em inglês, obedece a uma posição mais rígida que em português (por exemplo, a ordem modo,



tempo e lugar no final da frase) ao menos em contextos formais. Em português, os advérbios de tempo e lugar – classificados como dêiticos circunstanciais por Ilari (1990) – possuem uma natureza anafórica ou desempenham a função de expressão que enunciam. Estes advérbios em inglês desempenham essas funções, mas, em consequência de terem uma posição mais rígida na frase, podemos considerar seu deslocamento como um recurso de focalização.

3. Resultados e conclusões

Neste trabalho, definiu-se a informação focal de uma expressão lingüística como a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal. Essa informação pode ser completamente nova ao destinatário ou, em certos casos, a ele já pertencente mas que sofre alguma modificação em virtude de contraste implícito ou explícito elaborado pelo emissor. Pôde-se verificar, aqui, as distinções gramaticalmente relevantes que o português e o inglês falados selecionam para investir as expressões verbais com essa função pragmática. Para tanto, partiu-se das classificações das estratégias de focalização nos mecanismos lingüísticos do foco, concluindo-se o seguinte:

1 – Tanto o português quanto o inglês fazem uso do recurso de *morfema QU*; no português, este aparece tanto sozinho (27,3% dos casos) quanto associado à clivagem (16,6% deste total) e pode-se concluir que, no caso do inquérito analisado, as interrogações são construídas para a elaboração de comentários não exatamente para a enunciação de perguntas diretas que exigiriam uma resposta imediata do interlocutor. Já no inglês, não encontramos casos de *morfema QU + clivagem*, pois a clivagem foi um recurso ausente no nosso *corpus*. Quanto às interrogativas com *morfema QU*, estas ocorreram, proporcionalmente, em maior número (46,9%) que no português.

2 – Quanto aos marcadores especiais, estes se fazem um recurso presente em ambas as línguas, embora se perceba uma diferença de comportamento em sua distribuição. No português, os marcadores apareceram mais bem distribuídos em 46,9% dos casos, ou seja, encontramos ocorrências com *só, mesmo, inclusive, até, justamente,...* entre outros. No inglês, encontramos 48,5% dos casos com marcadores, mas houve uma predominância clara do marcador *just*, sendo que *only* e *neither/nor* apareceram apenas em 9% dos casos. Consideramos pertinente a classificação de um caso - (14) abaixo - com o advérbio *especially* pois, apesar de não aparecer na literatura mais tradicional como tal, seu uso é bastante parecido com seu equivalente no português e o enquadramos como um caso de marcador de foco que escopa o sintagma *on foggy days*.

(14) we used to cycle down especially on foggy days...

3 – Pode-se dizer que, no português (10%), embora tenha prevalecido a ordem SVO como no inglês (4,6%), os poucos casos de inversão nessa linearização como recurso de focalização confirmaram, a princípio, nossa hipótese. Há apenas três casos de inversão no inglês, sendo que um destes se refere à ordem dos advérbios de modo, lugar e tempo previamente estabelecida. Consequentemente, podemos estabelecer, também, a hipótese



de que a ausência de casos de clivagem se deu em função da preferência pela ordem SVO – caso este que merece maior investigação.

Acima resumem-se as principais conclusões a que pudemos chegar no equacionamento da função de foco, uma das funções pragmáticas mais importantes no jogo interacional. Este estudo nos ajudou no sentido de lançar uma luz na confirmação de algumas hipóteses previamente estabelecidas e na colocação de novas hipóteses e problemas que merecem um aprofundamento tanto no português quanto no inglês falados. Embora o assunto não se esgote aqui, temos convicção de que este trabalho foi capaz de fornecer uma contribuição, ainda que modesta, para a análise contrastiva no que tange, especificamente, as relações gramaticais e as relações pragmáticas no discurso oral.

RESUMO: Este trabalho estuda quais são as distinções gramaticalmente relevantes que o português e o inglês falado selecionam para investigar as expressões verbais com a função pragmática de foco. Seguindo esta idéia, foram analisados os mecanismos lingüísticos do foco.

PALAVRAS-CHAVE: análise; foco; comunicação; gramática

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, M. L., SILVA, G. M. O. Sentenças clivadas e articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*, Jaú, v. 1, n. 21, p. 175-181, 1992.
- CARTER, R., MCCARTHY, M. *Exploring spoken English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CASTILHO, A. T., PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. II: Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986. p. 234-264.
- CHAFE, W. Informações novas e velhas. In: *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 218-41.
- DIK, S. Pragmatic Functions. In: *The theory of Functional Grammar*. (Part I: The structure of the clause). Dordrecht: Foris, 1989. p. 263-88.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. p. 67-136.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 207-17 e 344-59.
- QUIRK, R. et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. New York: Longman, 1989.
- SWAN, M. *Practical English usage*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- VAN VALIN, R. A Typology of the Interaction of Focus Structure and Syntax. In: RAXILINA, E. & TESTELEK, J. eds., *Typology and the Theory of Language: From Description to Explanation*. Moscow, 1999.